

# d'Orey GAZETA

nº 8

## SACO AZUL

Desta vez foi a Ducha (Maria Eleonora de Odivellas d'Orey) que me ENCHEU! Obrigada Ducha!

WWW.DOREY.PT

A Árvore Geneológica tem muito mais dados e fotografias! Continuem a mandar! Quanto às Gazetas, há um problema técnico, com a anterior gestão do site, que não possibilita visualizar as Gazetas nº 5 e nº 7. Peçam-nas à Gazeta d'Orey ou à Fundação, enquanto a situação não se resolver!

## ÍNDICE

O Avô Guilherme (pág.2)  
pela José Luiz de Albuquerque d'Orey

Minha querida família (pág.3)  
por Luiza Maria Sampayo de Albuquerque d'Orey Gaivão

A minha infância como um conto de fadas (pág.3)  
por Maria Manuela Sampayo d'Orey

Lembro-me sempre do Avô... (Pág.4)  
por Isabel de Albuquerque d'Orey Juzarte Rolo

Tinha 12 anos quando o Avô morreu (pág.5)  
por Guilherme Achilles de Albuquerque d'Orey

Àcerca do Avô (pág.6)  
por Maria do Carmo d'Orey Gaivão Telles da Gama

Quando casaram (pág.6)  
por Luisa Maria d'Orey Gaivão Villani

A minha Avó Luiza (pág.7)  
Por Leonor Eugénia de Albuquerque d'Orey Bobone

A Avó, o Avô, o Pai e o Sr. Timóteo (pág.8)  
por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

Sobre a minha Avó Lija e a Tia Blu (Pág.10)  
Pela Martinho Luís d'Orey Gaivão Villani

O Almoço na Herdade das Parchanas (Pág.10)  
por Lourenço de Albuquerque d'Orey

Os Pinturas da Nina Salgado (pág.10)

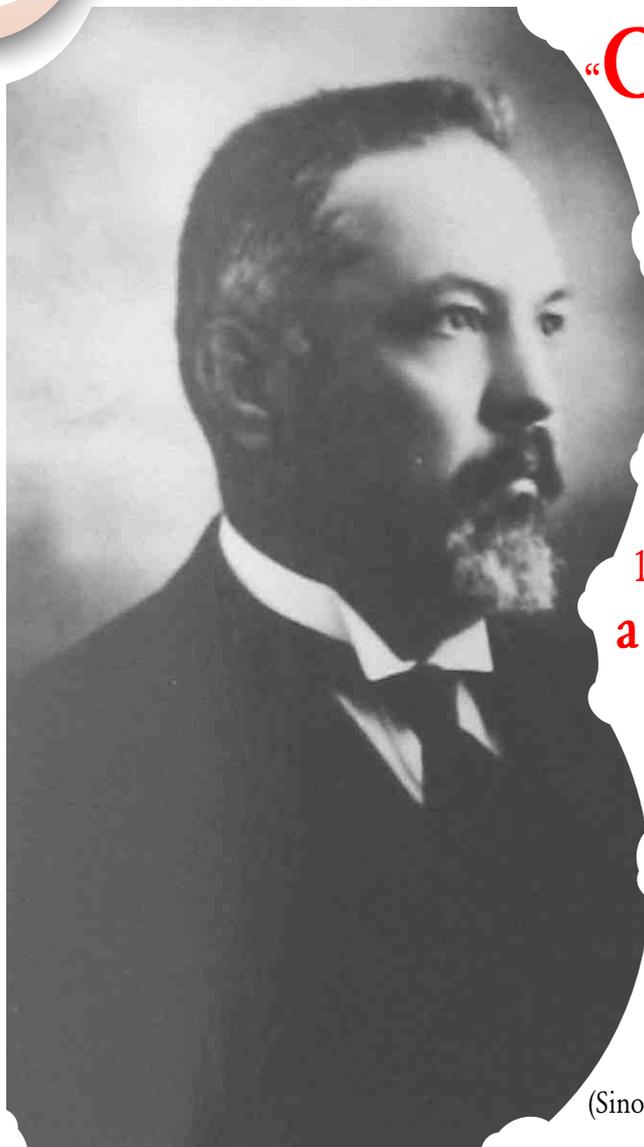
BIPP - Banco de informações de  
País para País (pág.10)  
por Joana d'Orey Santiago

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: [timtim\\_milu@hotmail.com](mailto:timtim_milu@hotmail.com) Nico (verde) email: [anamaria@orexorex.net](mailto:anamaria@orexorex.net)

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: [lloureiro@mdados.pt](mailto:lloureiro@mdados.pt) Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.



## “O Perdão

é a mais divina das  
victórias porque  
nêles encontramos  
três virtudes  
que se apresentam  
conjuntamente de  
um modo não  
habitual:

1. O amor para com  
a Humanidade
2. A ausência de  
Paixão
3. A prudência.”

Guilherme

de Albuquerque d'Orey  
1882

(Sinopse de um trabalho filosófico  
para o colégio, com 14 anos)

## NOTAS DA REDACÇÃO

A Gazeta d'Orey faz dois anos! Os d'Orey estão de parabéns! Tem sido um sucesso!

Vamos continuar mas as Gazeteiras (Tim-Tim e Nico) gostavam muito que se aproximasse alguém disponível para começar a colaborar com elas. Não se assustem! O nosso ritmo de vida não foi alterado, só foi enriquecido! O entusiasmo, interesse e alegria que temos é fruto, do eco que temos recebido dos d'Oreys que nos estimulam e animam a continuar.

Cheguem-se à frente, a Gazeta d'Orey é de todos nós!!!

A próxima Gazeta será dedicada a Frederico de Albuquerque d'Orey (ramo Encarnado).

## O AVÔ GUILHERME

por José Luiz de Albuquerque d'Orey



Era sobretudo um homem de FÉ. Um homem BOM. Primeiro filho do casal Achilles de Albuquerque d'Orey a nascer em Lisboa.

Juntava à sua grande cultura e à sua bondade, um grande sentido de humor, o que fazia dele uma pessoa muito simpática para com todos aqueles que o conheceram. Depois de acabar os seus estudos na Alemanha no colégio do Dr. Hubert Schek, entrou na universidade de Claustal onde se licenciou em engenharia de minas. Desde muito cedo a sua personalidade é-nos revelada por um trabalho que fez, ainda no colégio, com a idade de 14 anos e que se intitula:

**“Das vitórias a mais divina consiste no perdoar”** e diz: *“Existem muitas vitórias; por exemplo sobre um inimigo, ou através da astúcia, da influência que podemos ter sobre as outras pessoas ou ainda a vitória no exercício da caça. No entanto é sobre a vitória que se exerce sobre um ser humano que consiste na conquista que não dá nas vistas, PERDOAR. É a este tipo de vitória que chamamos divina”*

(quem estiver interessado em receber este texto completo poderá solicitar à Gazeta d'Orey para o envio por email).

Acabados os seus estudos foi trabalhar para Moçambique como Comissário Geral de Minas na zona de Manica e Sofala. É sabido que a zona entre Angola e Moçambique e que Portugal reivindicava como sua, era extremamente cobiçada por várias potências internacionais, nomeadamente a Inglaterra e a Alemanha, devido aos seus recursos minerais, além da região de Gaza e o porto de Lourenço Marques serem objectivos estratégicos para o escoamento das matérias-primas do Transvaal. Os grandes interesses comerciais, falaram mais alto, do que os acordos assumidos. Inglaterra, quebrando o já acordado traçado do Mapa-cor-de-rosa, fez o Ultimatum a Portugal (11 de Janeiro de 1891) ou saíamos ou havia corte de relações diplomáticas.

Para Portugal, esta cedência inevitável do Rei D. Carlos I foi uma imensa humilhação e deu azo a grandes manifestações de protesto contra o “velho aliado”. Alfredo Keil compôs nessa altura a “Portuguesa” com os versos de Henrique Lopes de Mendonça e que é hoje o hino nacional, “com uma pequena modificação pouco conhecida”. Aquilo que hoje se canta e que é “contra os canhões marchar marchar”, era na altura “contra os sacões marchar marchar”.

Nesta altura o Avô com apenas 22 anos, encontrava-se na zona da Manica e Sofala reconhecida pelo tratado do Mapa-Cor-de-Rosa, como portuguesa. Quando soube da presença de tropas privadas, nessa zona, da British South Africa Company do poderoso Cecil



Guilherme, José Diogo e Waldemar

Rhodes, (a Rodésia deve-lhe o nome), apoiadas pelos ingleses, violando assim o anteriormente acordado, assinou conjuntamente com o Intendente dos Negócios Indígenas, João de Resende, e com o capitão de exército, César de Bettencourt, em nome do rei de Portugal, um protesto dirigido a Inglaterra, contra a entrada das referidas forças em território reconhecido como português e contra as ameaças feitas ao régulo Mutaça também reconhecido como sujeito à coroa portuguesa.

Já agora duas histórias engraçadas desta altura:

Houve um acidente numa mina. O Avô desceu ao fundo do poço para verificar o que sucedera e para tomar as necessárias medidas de segurança. Saiu da mina tão “chamuscado” que um visitante inglês que passava por perto, julgando-o um pobre operário, teve pena dele e deu-lhe uma esmola. O Avô aceitou com simplicidade e agradeceu.

- Um residente inglês, conhecendo-o bem e querendo-o pôr à prova, convidou-o para jantar dizendo que lhe faria um prato especial com Uma avezinhas. O jantar correu bem tendo Avô apreciado o petisco. O inglês no final, mandou vir as penas dessas avezinhas que eram, nem mais nem menos que peles de ratos. O Avô olhou, e sem se dar por achado, disse para o dono da casa: - São realmente muito boas. Traga mais um bocadinho.

- Numa noite faltou o açúcar para o café. Os companheiros diziam: O d'Orey tem sorte, não toma açúcar. O Avô dizia com os seus botões: - Mal sabem porquê! O açúcar em minha casa era um luxo!

- Quando já estava muito mal, em delírio, dizia: - Primeiro deixem beber os pretos!



Em pé, Isabel (Blu), Francisco (Xico), Pedro, Luiza (Lija), Alda (Menu), Manuela; à frente, José Diogo e Ana.

Casou a 18 de Novembro de 1894 com Luiza Teixeira de Sampayo, tendo tido 9 filhos de quem tem, até hoje, 400 descendentes.

### Um apontamento sobre a Avó Luísa:

Com 15 anos estive de quarentena, por causa duma escarlatina. Esses dias todos foram passados em casa da Avó Luísa. Uns dias muito bem passados, ao contrário do que possa parecer à primeira vista. A Avó dedicou o seu tempo a distrair-me. Líamos em conjunto, recitávamos versos, jogávamos xadrez ou gamão, ouvíamos músicas, etc. O meu tempo, que era imenso, foi completamente ocupado e muito divertido. Fiquei sempre muito agradecido à Avó pelo tempo que me dedicou assim como por ter feito aumentar o meu gosto sobretudo pela poesia.

Tinha um carácter muito forte e nunca transigia das suas ideias, mesmo que as suas decisões lhe doessem Era severa e austera. O único remédio que tomou durante TODA A SUA VIDA foi Aspirina. Nunca foi a um oftalmologista e os seus óculos eram comprados a um vendedor que passava na Rua das Trinas. Quando a ouvia pregão “Oculista”, mandava-o subir, experimentava as lentes e era tudo.



## MINHA QUERIDA FAMÍLIA!\*

por Luiza Maria Sampayo de Albuquerque d'Orey Gaivão

Lembro o Outono de 1918. Tempo marcado por dois acontecimentos importantes: o fim da grande guerra e a gripe chamada pneumónica que enlutou tantas famílias em todas as partes do mundo. Estávamos nós em Cascais, casa simples mas grande onde havia felicidade e paz. Éramos oito irmãos e a vida em nossa casa, decerto pelo grande amor de meus queridos Pais, era equilibrada, feliz e harmoniosa. Entre nós havia um irmão muito bonito e engraçado que com a sua simpatia conquistava toda a gente. Além da nossa possível preferência, todos os que o conheciam falavam dele como de um rapazinho com um encanto especial. Porque, e que Deus assim quis? Não sei! Sei que um dia adoeceu e que o médico disse que não havia cura... a sua doença durou uns oito dias. Lembro esses dias com uma angústia indizível. Eu já tinha 19 anos, mas graças a Deus muita pouca experiência de doenças e mortes. Parecia-me impossível não poder salvar o meu querido irmão. Via a aflição de meus Pais que sabiam e acreditavam na sentença do médico, da qual eu duvidava. Queria ajudar a curar o meu irmão mas não sabia como. Um dia o nosso querido rancho passou a ser de sete em vez de oito. Voltámos para Lisboa. Um rapazito da rua (então chamavamos-lhes garotos) veio junto da nossa casa chamar: "Ó menino Pedro, ó menino Pedro!" Isto porque o menino Pedro tinha o costume de lhes atirar da janela todos os seus brinquedos. Por estranho que pareça, pouco me lembro do Inverno que se seguiu. Creio que o meu irmão Francisco foi estudar para a Suíça e decerto a nossa casa seguia a sua vida harmoniosa ainda que triste. Passados alguns meses um novo acontecimento veio modificar a nossa família. Foi o casamento da minha irmã Manuela. O seu noivo era o nosso primo Vasco que com a sua juventude e alegria veio dar um novo sentido à nossa vida familiar. Passados poucos meses depois do casamento da Manuela, outro acontecimento seguiu que me ficou gravado no coração. Foi a doença e morte da minha irmã Alda, se não me engano com apenas 17 ou 18 anos. Não tenho comigo neste momento apontamentos com datas e relatos do que foi a sua doença. Só posso dizer que a sua Fé em Deus nunca mais se apagaria no espírito de todos os que a acompanharam. Nessa altura admirei extasiada a seu grande amor a Deus em elevação de espírito.

## LEMBRO-ME DA MINHA INFÂNCIA COMO UM CONTO DE FADAS por Maria Manuela Sampayo d'Orey

Quando penso na minha infância parece-me que vivi num conto de fadas. Não houve varinha de condão que transformasse tudo em ouro e pedras preciosas (o dinheiro nunca ocupou grande importância na nossa família a não ser na medida de se não fazerem dividas), mas houve certamente uma boa fada que encheu a nossa casa de amor, verdade e lealdade. Lembro-me vagamente da nossa chegada ao Barracão, casa que pertencia ao tio Pi e que ficava mesmo sobre a praia de Santo Amaro de Oeiras. Fiz os meus 4 anos pouco tempo depois e contou-me minha mãe que a tia Mariana apareceu com um bolo com 4 velas para me festejar. Dali partiu o habito de festejarmos os anos com um bolo de velas, mas só tínhamos esse privilégio até aos 12 anos. Tive pelos meus 10 anos uma pleuresia que me não fez sofrer nada e que me alimentou os meus dois grandes defeitos: a gula e a preguiça. Vivíamos uma vida muito simples e modesta mas felizes nessa simplicidade. A comparação é sempre odiosa dizia-me o meu Pai. Realmente não me lembro de ter havido qualquer palavra de inveja pronunciada em nossa casa, visto que os tios Pi e Waldemar, que viviam ao nosso lado, tinham bastante mais facilidades que meus Pais. Tudo constituía para nós um acontecimento. Um homem com um urso

Havia ainda a doença, o sofrimento e possivelmente a luta para tentar evitar o inevitável. Hoje passados tantos anos, lembro a sua juventude e a sua santidade e a sua ternura por todos nós. E... possivelmente a sua vontade de nos encaminhar todos para Deus. Passados poucos anos saí de casa para casar. Fui graças a Deus muito bem recebida e querida na minha nova família, mas quero no entanto acabar estas notas como comecei:

Minha querida família! Querida casa de meus Pais!



Fotografia das tias Manuela, Lija e Alda numa homenagem ao Rei D. Manuel II, na Quinta de Sete Castelos, Stº Amaro de Oeiras. Vê-se a fotografia do Sr. D. Manuel, envolta em laços de seda. De joelho no chão Luiza Maria Sampayo d'Orey (Lija), Alda Sampayo d'Orey (Menuzinha) encostada à mesa, Maria Manuela Sampayo d'Orey agarrando a bandeira com as armas de Portugal e coroa real e sentada no chão Luiza da Câmara Horta e Costa.

(\*Fotografia e texto do arquivo de José Luiz de Albuquerque d'Orey)

amestrado, o Bilreiro vendedor ambulante que vendia retrosarias e quinquelharias. Juntavam-se grandes e pequenos para fazerem as suas mercas ou assistir ao espectáculo. O meu Pai foi para nós um companheiro admirável. No Verão, antes de ir para o escritório, ia conosco para a praia. Pedia um barco emprestado ao tio Waldemar e antes de tomarmos banho, remávamos mais ou menos durante meia hora. Era muitíssimo metódico e pontual. Ficava aborrecido de não estarmos todos a tomar com ele o pequeno almoço às 8:30 da manhã. De Inverno levantava-se igualmente cedo, dava-nos lições e fazíamos ginástica antes de vir para Lisboa. Quando chegava a casa juntava todos à volta da mesa e com madeiras das caixas de charutos que pedia nas tabacarias do Cais do Sodré, fazíamos mobílias para as bonecas. Dava a cada um a sua tarefa... Um lixava, outro polia, outro serrava. Ficávamos encantados quando víamos uma mesa ou uma cadeira prontas. O Natal era uma festa em que pensávamos desde o dia 1 de Janeiro até 24 de Dezembro. Todo a ano pedíamos a Deus que não mandasse mau tempo que nos impediria de ir a casa da Avó, onde se reunia toda a família. Como vivíamos em Oeiras, o transporte era complicado. O Pai e o tio Pi vinham de comboio com os mais velhos e a Mãe e a tia Mariana alugavam um landau e traziam os mais pequenos. Nem calculo como seria para as duas uma viagem de Sto. Amaro de Oeiras até à rua Tomás da Anunciação, num carro de cavalos atulhado de miúdos. Em 1916, primeira grande guerra, o Pai e os tios Ruy e Waldemar, foram postos fora de Portugal

## LEMBRO-ME DA MINHA INFÂNCIA COMO... (Cont.)

por serem filhos de alemão. Se a minha admiração por meu Pai era grande, redobra quando penso nessa época. Só a sua muita coragem e ânimo, fizeram com que o exílio não fosse para nós desolador. Até posso dizer que penso nesse tempo com alegria. Nós as três mais velhas, fomos incumbidas de governar a casa. No princípio da semana o Pai dava-nos uma quantia que não podíamos ultrapassar. Quando ao Domingo nos sobravam algumas pesetas, comprávamos uns bolos que hoje realizo que eram péssimos, mas que nós comíamos com gosto. Nos dias de anos comprávamos umas garrafas de cidra para bebermos à saúde. O meu Pai descobriu um ténis de cimento abandonado. Indagou a quem pertencia e foi pedir ao proprietário emprestado. As sobrinhas e o sobrinho do Marquês de Riestra, dono do ténis, arrancharam logo connosco e puseram-se também a jogar. A filha do Comandante do porto de Marin também se juntou a nós e tentava jogar de saltos altos e capeline na cabeça. O Paiva Couceiro, também estava exilado em Pontevedra com a família, criámos com todos relações muito amistosas. "Tout est bien qui finit bien." Graças a Deus voltámos em Outubro. Fomos primeiro durante um pouco de tempo para o Barracão e depois para a Rua Vicente Borga, para a casa onde vivi até casar e que meu Pai comprou à Condessa de Proença. Tínhamos uma vida muito agradável sem faustos, mas sem privações. Por essa época, o

## LEMBRO-ME SEMPRE DO AVÔ...

por Isabel da Conceição de Albuquerque d'Orey Juzarte Rolo

Lembro sempre o avô Guilherme com uma certa ternura, pelo seu charme, pela sua bondade e imensa paciência com que suportava a sua doença cardíaca que o impedia de fazer até pequenos movimentos como seja o movimentar as cartas de uma paciência, que tanto gostava de fazer. Pedia à Avó para o fazer.

Gostava muito dos netos e tinha imensa paciência. Lembrava o Guilherme que o Avô o tinha levado a concertos e a ver jogos de futebol. A mim não me chegou a levar, (pela sua doença) mas prometeu. Gostava muito de ensinar. Ensinou-me a Regra de Kramer, regra de matemática para resolver equações a duas incógnitas, e tão bem o fez que ainda hoje me lembro dela.

Fazia humor connosco: O Zé Luiz, bem pequeno, tinha sapatos novos comprados na Sapataria Ratinho!

O Avô pergunta-lhe: - O dono era ratinho?

O Zé Luiz responde: - Não Avô!

Torna o Avô: - Mas os empregados eram ratinhos?

Voltava o Zé Luiz: - Não Avô!

Continuava o Avô: - Quantos ratinhos estavam na loja?

O Zé Luiz desesperado exclama, encolhendo os ombros: - Não me entendem!

Gostava muito de jogar Bridge e os lucros eram ora para a Luisa Gaivão (Luisa Maria d'Orey Gaivão) ou para mim que eramos as suas afilhadas. A alguém que desdenhava do jogo disse:

- Quelle vieillesse vous vous preparez!

Na sua quinta de Albarraque cujo pomar era podado "em espalдар" (contra o muro), havia um ténis e uma máquina de tiro aos pratos. Esta máquina também funcionava na Praia de Santo Amaro de Oeiras diante da Quinta do Barracão, onde o Avô viveu durante um tempo.

A caça era uma grande paixão. Ele próprio preparava muito dos seus cartuchos. O cheiro a pólvora era fantástico. Convenceu o meu pai (Vasco de Albuquerque d'Orey(amarelo)), que era tudo menos caçador, a ir caçar com ele a uma vala do Ribatejo. O Pai a dada altura achou que um boi o estava a encarrar em demasia e vai, bum!! Que grande sarilho ali se gerou! Convenceu também o cunhado José Gomes da Costa a ir aos patos num bote. O pobre teve tanto



Aguarela da Tia Blu, Pontevedra 1916 (papel de carta do hotel)

medo que dizia: - Nunca mais! Nem no PIMPÃO! O Pimpão era o cruzador da época. O seu perdigueiro predilecto chamava-se Fax. Era lindo, castanho claro e o Avô não conseguiu separar-se dele e trouxe-o para Lisboa, onde morreu de velho. A Andorinha era uma perdigueira muito bonita e nova. Numa caçada o Avô viu mexer qualquer coisa e atirou. Matou a Andorinha.. Foi um desgosto tão grande que a caçada acabou logo ali. Foi uma história muito triste. Entrava em corridas de natação. Uma vez um rival que ia na frente batia muito com os pés a levantar a água para não o deixar passar. O Avô mergulhou, passou por baixo dele e .. ganhou a corrida. Um dia em São Pedro de Moel, o Avô foi atirado pelo mar contra as rochas. Dizia-me sempre: - Lembre-se que o mar é sempre mais forte que nós. Também remava na Associação Naval, mas em skif. Certo dia mandou um recado à Avó que não ia almoçar, mas o recado não chegou e a Avó com todos os seus receios lembrou-se de olhar para o Tejo com binóculos e descobre o Avô remando alegremente. Teve um ataque de fúria.

\*do arquivo do José Luiz de Albuquerque d'Orey

Um belo dia, o Avô foi caçar com ele a uma vala do Ribatejo. O Pai a dada altura achou que um boi o estava a encarrar em demasia e vai, bum!! Que grande sarilho ali se gerou! Convenceu também o cunhado José Gomes da Costa a ir aos patos num bote. O pobre teve tanto



(Uma bela caçada na Quinta do Marquês de Pombal em Oeiras. À esquerda Guilherme d'Orey e o pequeno Zé Pastorinho. Ao centro os seus dois filhos, Francisco atrás, e José Diogo, à frente. De cada um dos lados, com bonés, os manos António e Sebastião Pombal. Os restantes três deveriam ser empregados da Quinta.)

tio Ruy comprou um iate, o "Irma". Era um barco lindo com seis cabines e uma sala grande onde jantávamos. Íamos quase todos os Domingos passar as tardes a bordo. Ali encontrei a continuação da minha felicidade. Pela muita convivência chegámos à conclusão, o Vasco e eu, que gostávamos um do outro e decidimos casar.

Durante quarenta anos o nosso entendimento foi completo. Deus abençoou o nosso casamento com 15 filhos que me rodearam de tanto amor e ternura que eu me considero a pessoa mais rica do mundo visto que a única fortuna que perdura até à vida eterna é o Amor.



## TINHA 12 ANOS QUANDO O AVÔ MORREU

por Guilherme Achilles de Albuquerque d'Orey

Sempre soube pelos tios e primos que eu, como neto varão mais velho, era o “menino querido”. Isso não impedia que fosse para mim um educador. Não vacilava! Era igual para com todos, filhos, netos, empregados, etc.

A tia Blu (Isabel Sampayo d'Orey Gomes da costa) contava que em certo dia, como era hábito, estava o Avô a dar-lhe uma lição antes de ir para o escritório, com um livro didático aberto em frente dele. Fez-lhe uma pergunta e como a tia Blu não soubesse, tentou espreitar para encontrar a resposta certa. O Avô viu, fechou o livro e disse-lhe: “Que não saibas responder porque não estudaste, não tem a menor importância, mas que queiras intrujar o teu Pai, isso é grave! Peço-te que não tornes a fazer nunca mais.”

Contava também o tio Zé ( José Diogo Sampayo d'Orey) que num dado ano estava com más notas. A Escola Académica onde andava, mandou a informação para o Avô, que apenas chamou o tio Zé e lhe perguntou o que é que aquilo significava. O tio Zé respondeu que não se preocupasse, que passaria o ano. Desde esse dia foi sempre assim. Recebia as informações da Escola Académica e dava-as ao filho, o que, segundo o tio Zé, lhe metia tanta impressão que o obrigava a um esforço enorme para passar o ano.

O Avô levava-me à caça. Quando passei o exame de instrução primária deu-me uma espingarda de calibre 9 “Flauber”. Ensinou-me o que deveria fazer como caçador e tratar da espingarda. Num Agosto de férias na Quinta em Albarraque o Avô teve que vir a Lisboa. Pediu ao caseiro para me acompanhar à caça e eu matei dois ou três pardais. Fiquei radiante! Quando o Avô chegou a primeira coisa que fiz foi mostrar-lhe. O Avô, antes de qualquer outro comentário disse para eu ir buscar a espingarda. Trouxe-a aberta, conforme me ensinou. Olhou pelo cano e verificou que não a tinha limpa e recordou-me que um caçador ao chegar trata da espingarda,



1.

depois dos cães, depois da caça e no fim de si próprio. Como o não fizera, no dia seguinte, com grande desgosto meu, não me deixou nem caçar, nem acompanhá-lo à caça.

Um dia no escritório teve que despedir um empregado porque roubara algum dinheiro. Dias depois, soube das condições



2.

terrivelmente difíceis que esse homem vivia com a sua família. Chamou-o a casa e disse-lhe que não tinha o direito de ter agido como fez. Os problemas resolvem-se de outra maneira. Como não o poderia readmitir, disse-lhe que fosse todos os dias 1 de cada mês a casa do Avô receber o ordenado que auferiria na firma. Essa verba era dada do bolso do Avô e isso ficou claro. Havia uma condição. Todos os meses retiraria uma pequena parte para ir devolvendo aos poucos o valor total. Quando tivesse reposto a totalidade o Avô deixaria de lhe pagar esse “ordenado”. A alegria e gratidão do empregado quando pagou o último centavo não teve limites e segundo informação certa, esse homem foi um empregado exemplar na firma para onde foi trabalhar.

Fascinavam-me as cicatrizes que tinha na cara. Eram golpes recebidos em combates de florete no seu tempo de estudante na Alemanha. Recordava com muito orgulho o desafio que estudantes da universidade de Heidelberg lhe lançavam...ele

estudava na universidade de Clausthall. Do Clube de Esgrima em Clausthall chegou até nós as imagens de peças que têm gravadas o seu nome. A farda foi doada ao Museu do Traje.

Quando da estadia em Pontevedra em 1916 um senhor que com ele se relacionou pediu-lhe que lhe ensinasse a técnica de duelos, pois tinha sido desafiado e pouco sabia do assunto. O Avô disse-lhe que só lhe poderia dar alguns conselhos pois a esgrima não era fácil de se aprender de um dia para o outro. Soube-se que este senhor ganhou o duelo e chamava ao Avô “el grande maestro”.



4.



3.



5.



6.

Peças do Clube de Esgrima da Universidade de Clausthal, Alemanha, com o nome de Guilherme d'Orey. 1.Crachá, 2.Farda de Gala, 3.Caneca em cerâmica, 4.Pormenor de caneca em vidro, 5.Frente de forninho de cerâmica do cachimbo, 6.Verso do mesmo forninho.

Fotografias de Tiago d'Orey Slewinski (verde)

## ÁCERCA DO AVÔ

por Maria do Carmo d'Orey Gaivão Telles da Gama (verde)

Num dia de anos do Avô, a tia Blu fez uma teatro (quadro vivo). Era representado pelos os netos Marichen (cerca de 8 anos) (Maria Elvira Albuquerque d'Orey), Luisa (cerca de 7 anos) (Luisa Maria de Albuquerque d'Orey), Maria do Carmo (Maria do Carmo d'Orey Gaivão) e Gonçalo (Gonçalo Ruy de Albuquerque d'Orey) (ambos com cerca de 5 anos). Havia um palcozinho e a história era a da Rainha Santa Isabel.

Cantavam os seguintes versos:

(Marichen) Rainha Santa Isabel  
Amiga do bem fazer  
Aqui estão estas rosinhas  
Para ao Avô oferecer;

(Luisa) Sou a rosa da Alexandria;

(M. do Carmo) Eu rosinha de tocar;

(Gonçalo) E eu sou o botão mais lindo  
Que a roseira pode dar!



Gonçalo e Luísa

Vivíamos na Rua Vicente Borge por cima dos Avós. Lembro-me de ter uma preocupação enorme, de ir ajudar o Avô a vestir-se. Eu tinha cerca de 5 ou 6 anos. A minha tarefa era apertar os sapatos ao

## QUANDO CASARAM

por Luisa Maria d'Orey Gaivão Villani (verde)(13/11/1985)

Quando casou era director da Fábrica de Vidros de Braço de Prata e vivia na Quinta dos Quatro Olhos onde nasceram os seus dois filhos mais velhos, Augusto (Zirinho) e Isabel (Blu). Entretanto construiu-se uma nova residência e aí nasceram a Luíza e Manuela que passaram a ser chamadas Lija e Lela.

Foi nessa altura que os avós sofreram o primeiro grande desgosto da sua vida de casados com a morte do Zirinho, com 5 anos de idade. Várias vezes a Avó se me referiu a esse desgosto. Contou-me que o enterro foi sentidíssimo, acompanhado não só pela família como pelos operários. Entre ao presentes, seguindo a pé com os outros, ia também o tio Joaquim Mouzinho que na altura era já herói nacional.

A Fábrica pertencia a uma companhia cujos directores eram; o tio Ruy, o Álvaro Possolo, o Adolpho Burnay e o Conde da Azaruginha.

A mesama companhia tinha uma fábrica maior na Marinha Grande e o meu Avô foi nomeado seu director. Era conhecida pela Fábrica Real e o portão era encimado pela coroa real. A casa do director era conhecida pelo palácio e tinha sido mandada fazer pelo Marquês de Pombal para instalar os irmãos Stephens. Hoje essa fábrica chama-se Escola Irmãos Stephens.

Nasceram aqui a tia Alda e o tio Francisco Xavier que como os mais velhos eram tratados por outros nomes, Menuzinha e Chico.

Penso que o nascimento do tio Chico tivesse sido de grande alegria pois era o primeiro filho rapaz que nascia depois da morte do mais velho.

Era uma característica da personalidade do meu avô pôr todo o amor e todo o interesse naquilo que fazia e nesse sentido a indústria vidreira interessou-o muito. Pretendia fazer o melhor em qualidade e beleza, rejeitava o produto mediocre naturalmente mais rendoso. Mandou vir operários de vários lugares da Europa. Estes, para se candidatarem ao lugar enviavam amostras das suas criações em vidro. Um, chamava-se Pierre Durant, passou a ser o Durão. O avô tinha, no album de retratos, o retrato dos filhos dele.

O operariado da Marinha Grande era muito difícil e era com apreensão que a Avó via chegar o dia 1<sup>a</sup> de Maio. Em compensação

Avô e pôr-lhe o alfinete na gravata. Para apertar os sapatos havia uma espécie de banquinho onde o Avô punha o pé. Eu chamava a isso o "cavalinho", pois sentava-me lá à espera do sapato para ser apertado. Um dia essa gerigonça caiu e eu entalei-me. Dizia depois ao Avô que o "cavalinho" me tinha mordido...

Adorava ir aos Domingos à Quinta de Nossa Senhora da Conceição em Albarraque com o Avô! Íamos à Missa, à Igreja de S. Domingos,

depois o Avô ia a um talho à Praça da Figueira

(a antiga) comprar umas salsichas que era um grande petisco, depois apanhávamos o comboio para o Cacém. De lá íamos de táxi para Albarraque! Era um dia em cheio.

Passava pela Quinta sempre ao lado do Avô. Eu não podia ter mais que 5 ou 6 anos.

Lembro-me duma história muito engraçada duma criada que serviu em casa dos Avós durante muitos anos - a Benedita! A Benedita um dia viu uma galinha com os seus pintainhos de baixo das penas. Exclamou, enternecida, para quem estava presente: -

Vejam bem, estão todos a mamar! Lá lhe responderam que os pintos não mamam! Ela respondeu prontamente: - Há lá bicho que não mame!



Maria do Carmo

a tia Blu com 5 anos, gostava. Queria muito ver passar o "cortejo cívico" formado por carros simbolizando todas as profissões e trabalhos e também queria ver a alegre música da banda tocando o que os outros cantavam liberdade, fraternidade é o que queremos para o futuro. Passava-se isto em 1903 aprox.

Pouco tempo depois houve uma grande greve dos operários. De Lisboa foram para lá, não só oficiais de alta patente, como o Major Dias, pessoa altamente categorizada na Polícia, como ainda cem polícias.

A minha mãe era pequena e disse qualquer coisa, uma vez que o Major passou ao pé. Este perguntou-lhe o que é que ela tinha dito e ela, obediente respondeu "eu disse Senhor Manjoli" quando a greve acabou ele mandou para as meninas uma grande e linda caixa de frutas cristalizadas. Penso que tenha começado aqui uma carreira de amizades e simpatias que a minha mãe tem angariado pela vida fora. Parece que um dos polícias não se portou como devia ser e teve que ficar preso na cave da casa. Os outros dormiam no sótão, em cima de palha. Os oficiais, eram hóspedes do Avô e a Avó tinha que providenciar a alimentação e tudo o resto! Dá a impressão que aquela casa se tornou mais ou menos num quartel.

Na fábrica ficaram dois modelos de serviços com o nome Guilherme d'Orey.

O Avô não aceitava fosse que presente fosse, mas aceitou um, "a homenagem" consistia isto numa grande folha quadriculada toda preenchida com letras azuis e encarnadas formando um desenho simétrico. Aí lendo-se, quer na vertical ou na horizontal "Homenagem de gratidão ao Exmo. Senhor Guilherme de Albuquerque d'Orey e sua Exma. Família".

Saiu...porquê? Revezes da vida? Incompreensão? Quantas coisas nos fazem sofrer.

A tia Blu passados quarenta anos encontrou um velho operário que lhe disse- "o seu pai era um homem muito direito e fizeram-lhe muitas partidas".

Refez a sua vida no comércio mas frequentemente afirmou que gostava mais da indústria.



## A MINHA AVÓ LUÍSA

por Leonor Eugénia de Albuquerque d'Orey Bobone



A minha avó Luísa era a avó mais fantástica que alguém pode alguma vez ter tido; o termo “fantástica” inclui tudo: meiga, alegre, compreensiva, actualizada, culta, inteligente, atenta aos nossos problemas e alegrias, companheira, divertidíssima, enfim poderia ir buscar todos os adjectivos agradáveis e se calhar ainda seriam poucos para a descrever. A sua casa condizia com ela; era alegre florida, impecavelmente arrumada, e limpa, lembro-me que tinha um cheiro especial e sentíamos-nos lá tão bem... Quando eu era mais pequena e junto com a minha Mãe ia lá passar a tarde, lembro-me da sensação de alegria que sentia dentro de mim; havia sempre uma gaveta com coisas que me fascinavam! E não eram brinquedos; e muito menos coisas caras! Lembro-me particularmente de uma caixa com tabuinhas de variadíssimos feitios tamanhos e cores com as quais nós compúnhamos castelos, praças, escolas, quintas com casas e dependências habituais, etc., enfim tudo quanto a nossa imaginação quisesse. Havia também uns baralhos de cartas com os quais a Avó nos ensinou a construir torres e queijos para os quais era necessário muita habilidade de mãos e paciência para chegarmos ao fim da construção conseguindo o não desmoronamento das ditas cartas. Quando as conseguíamos levar a cabo tínhamos como prémio os aplausos e a admiração da Avó o que para nós era a melhor coisa do mundo. Pela mesma época, íamos passar o verão para a quinta da Avó em Albarraque e das melhores recordações que tenho desses verões eram as minhas escapadelas matinais para o quarto da Avó onde me enfiava na cama dela e enquanto tomávamos o pequeno-almoço, (na altura eu era uma criança fraquinha e sem apetite) mas a Avó cortava-me o pão de uma forma que muito me divertia e dizia que era um boneco que eu tinha de comer todo começando pela cabeça e aí por diante e enquanto eu ia ingerindo o pãozinho ajudada pela imaginação a Avó contava-me as Fábulas de La Fontaine que sabia de cor em verso e em francês, língua que eu ainda não sabia mas que se me foi tornando familiar desde essa época e evidentemente que também me as traduzia e lembro-me que eu adorava comentá-las e contestá-las! O que devia dar imenso trabalho à Avó o facto de fazer-me ver com rectidão a moral da história. Sem talvez nem se aperceber disso, a querida Avó, além de me fazer comer sem sacrifício deu-me também grandes noções de ética e moral e até na toada da linguagem francesa que me entrou na mente sem eu dar por isso e que mais tarde aprendi com uma enorme facilidade! E tudo a brincar e com tanto carinho! Hoje penso quando eu lhe entrava pelo quarto dentro se ela não lhe apeteceria ainda dormir mais um bocadinho! Se assim era, nunca de tal

me apercebi!

Quando estava na terceira classe, fui viver para casa dela porque dois dos nossos irmãos apanharam gânglios nos pulmões e embora o Dr. Castro Freire, nosso médico, dissesse aos meus pais que essa doença não se pegava, os meus Pais acharam melhor separarem-nos temporariamente e ao mesmo tempo eu passei a ser grande companheira da Avó de tal maneira que mais tarde as minhas tias com uma pontinha de ciúme comentavam que eu fui a filha mais nova da Avó a quem ela nunca disse uma “NÃO”. Depois de adulta verifiquei que embora ela me fizesse todas as vontades, quando surgia alguma situação em que o “sim” não podia ser dado incondicionalmente a Avó sabia dar-me a volta fazer-me ver que não seria melhor para mim, e pelo raciocínio e lógica eu aceitava toda contente as suas sugestões que eram certamente as melhores e nem me apercebia que as coisas já não eram como eu tinha pedido inicialmente.

No andar de baixo vivia uma das suas filhas a Tia Manuela que tinha 15 filhos! Duas das suas filhas e dois rapazes eram de idades aproximadas da minha e como a casa até tinha comunicação interior, grande foi o nosso convívio e muito nos divertimos fazendo jantarinhos, jogos para os quais por vezes a Avó arranjava prémios para quem ganhasse, mascaradas e peças de Teatro que ensaiávamos junto com mais alguns primos. Éramos muitos pois a Avó tinha seis filhos e á excepção do Tio Xico, meu padrinho todos tínhamos muitos filhos de várias idades.

A minha infância foi passada em meados da segunda Guerra Mundial e lembro-me perfeitamente dos racionamentos e calculo a dificuldade que havia para arranjar mantimentos para toda a família. No entanto nunca tal facto foi pronunciado em frente das crianças. Além de nunca ter faltado nada, as ementas eram variadas e por vezes confeccionadas com muita imaginação aliada à economia. Ainda me lembro com saudades do “Bolo de Água” que a Avó mandava fazer quando nós lá íamos passar a tarde com ela, no Inverno ao pé de uma adorável salamandra sempre bem quente que tornava a sala do mais acolhedor que há. O referido bolo levava só um 1 ovo, mas a Maria cozinheira, batia-o de tal maneira bem que surgia na bandeja impecavelmente areada um grande pão-de-ló fofíssimo e que além das fininhas fatias de pão com Manteiga e chá com açúcar amarelo nos proporcionava uns lanches deliciosos. A Avó deixava-me por todo o açúcar que eu quisesse e às vezes ficava horas a deliciá-me com um verdadeiro xarope, quase uma papa, tomando-o às colherzinhas enquanto ouvia as conversas das pessoas grandes, as Tias iam lá com frequência e que contavam coisas fascinantes que eu absorvia sofregamente embora essas conversas não fossem dirigidas a crianças. As Tias, como Mãe e como a Avó, eram pessoas igualmente cultas leves e divertidas, além de terem uma memória invejável e espantosa. A Avó era viúva; nunca conheci o meu Avó Guilherme mas pelo que a minha Mãe e Avó e resto da família contava era alguém altamente agradável e positivo em todos os sentidos. Não sei bem porquê, mas à medida que os anos foram passando eu fui ficando a viver com a Avó e lá fiquei até me casar. Os meus Pais e irmãos viviam na mesma rua e portanto eu almoçava com eles todos os dias, às vezes jantava mas ia sempre dormir a casa da Avó e durante muitos anos dormíamos no mesmo quarto. Esta convivência diária uniu-nos de uma forma que se poderia chamar de convivência, no bom sentido já se vê; os primos e os irmãos apareciam com frequência lá em casa e as nossas tardes ou serões com a Avó não tem descrição do divertido que eram com jogos de palavras, provérbios que tínhamos de completar e que por vezes redundavam em grandes asneiras das quais a Avó era a primeira a ter grandes ataques de riso que pegava a nós todos. Por vezes surgiram dúvidas quanto ao sentido ou significado de algumas palavras que vinham à baila e então a Avó ia buscar o grande dicionário “O Cândido Figueiredo” e investigávamos o que se tinha posto em dúvida.

## A MINHA AVÓ LUÍSA (cont.)

Quando lá estava a Tia Blu, a irmã mais velha da minha Mãe, nem era preciso consultar o dicionário porque ela sabia sempre tudo. A Tal ponto que lhe pusemos a alcunha de “Enciclopédia Viva” com o que ela protestava vivamente mas que era realmente bem merecida. Com esta maneira de viver e quase sem dar por isso fomos adquirindo boa dose de cultura numa forma leve e divertida. Éramos todos tão amigos uns dos outros, Tios, sobrinhos, primos e irmãos sempre com a Avó no centro da família que só o facto de estarmos juntos já era uma festa. Como nessa altura não havia televisão, recorriamos a outras formas de entretenimentos o que insensivelmente nos fazia recorrer a invenções e imaginações que tinham sempre resultados positivos. A minha Mãe tocava muito bem guitarra e adorava música; muitos serões e tardes passávamos a cantar a duas vozes a ensaiar o fado, até a compor versos às vezes disparatados, e ríamos que nem uns doidos. Mais tarde a Avó uma vez emprestou-me a casa para eu organizar um campeonato de “Canastra” onde os pares eram previamente marcados; essas marcações eram todas feitas em verso, que me vieram à mente no próprio dia do jogo enquanto ajudava as criadas a fritar croquetes e a arranjar a ceia. Foi uma inspiração que tive nem sei como, mas que resultou num sucesso muito divertido e agradável surpresa para todos os amigos que vieram participar nesse concurso. Toda a minha infância e juventude foram felizes e confortáveis e hoje vejo que todo o ambiente em que vivi me tem servido de sólida base para resolver muitos problemas que me têm aparecido. A Avó normalmente deitava-se depois de mim mas por vezes eu ainda estava acordada quando ela chegava ao quarto; não acendia a luz, mas eu verificava de manhã que ela tinha arrumado meticulosamente a roupa que despira deixava os sapatos bem arrumados um ao lado do outro e o vestido direitíssimo nas costas da cadeira mas de maneira a que ficasse bem arejado. Depois, mesmo já bem velhinha, ajoelhava-se ao lado da cama e rezava durante o que me parecia uma infinidade de tempo. Um dia disse-me que pedia sempre a Deus por toda a família e em especial pelo membro mais necessitado, que embora ela não soubesse quem era, Deus sabia com certeza e as suas orações eram guiadas nesse sentido. Estes pequenos exemplos e muitos outros que seriam longos de relatar ficaram-me para a vida e quase diariamente me lembro dela justamente por causa desta vivências que se repetem inevitavelmente de geração em geração. Contava também muitos factos passados na sua infância onde se

## A AVÓ, O AVÔ, O PAI E O SR. TIMÓTEO por Ana Maria Garcez d’Orey Slewinski

A Avó Luísa foi sempre muito ternurenta para com todos nós. Por força das circunstâncias não íamos a casa da Avó todos os dias. Antes pelo contrário. Era um dia especial. Quando éramos pequenos, irmos a casa da Avó com o Pai no dia dos nossos anos, era tão especial que até faltávamos à Escola (coisa raríssima!). Isto também acontecia com idas a casa dos nossos padrinhos, que eram os tios. Mais tarde já fazíamos umas visitinhas à Avó sozinhos ou em conjunto para jogarmos uma Canasta com ela. Gostávamos imenso. Depois do jogo a Avó abria uma gaveta e tirava de lá uns “rebuçados” que eram moedas de 10 ou 20 escudos (uma fortuna para nós) muito bem embrulhadas. No Verão, quando já trabalhávamos, e a Mãe e Pai estavam na Ericeira, ficámos muitas vezes em casa da Avó que já estava doente, mas os carinhos não nos faltavam.

Quanto ao Avô Guilherme, não o conheci mesmo. Nasci doze anos depois da sua morte, mas pude agora pesquisar, a sua actividade na indústria do vidro, depois da sua estadia em África. Foi trabalhar

viviam costumes bem diferentes dos nossos e alguns deles arrepiavam-me de tal maneira, eram rígidos, mesmo espartanos! Mais tarde concluí que talvez por causa dessa maneira de viver ela se tinha tornado uma mulher tão forte mas também tão inteligente pois soube transmitir-nos o que lhe deu forças ao mesmo tempo que adaptando-se aos tempos mais modernos soube arredondar as arestas mais esquinadas que podiam eventualmente ferir a nossa sensibilidade.

Tinha também umas frases que dizia com frequência e que espelhavam bem a sua compreensão para connosco, deixando-nos livres mas ao mesmo tempo responsáveis. Uma dela era: “Albarde-se o burro à vontade do dono!”. Outras transmitiam-nos prudência como “dans le doute abstiens toi.” E muitas mais que eu ainda hoje repito aos netos, acrescentando sempre: “Como dizia a minha avó”, e fazendo-lhes ver o Bem que daí me adveio.

Era também muito arrumada e guardava imensas coisas que nós achávamos na altura que não serviam para nada. Ela respondia-nos: guarda o que não queres, encontrarás o que precisas; e realmente, às vezes, bem pouco tempo depois, lá vínhamos nós ter com ela: ó Avó, a Avó que tem tudo, não terá por acaso um bocadinho de fita uma caixinha de cartão, um arame de uma determinada grossura, uma argola, enfim, fosse o que fosse. Ela ria-se e ia direitinha a um móvel com imensas gavetinhas onde encontrava logo à primeira exactamente aquilo que nós precisávamos e acrescentava: vês, filha, se eu não tivesse guardado...

Tantas e tantas coisas que poderia continuar a contar mas que nessa impossibilidade para já guardo no meu coração e procuro, sempre que surja a ocasião, repetir e transmitir aos meus filhos e netos.

Quem me dera poder ser como ela foi! Agora voltando ao presente aqui há tempos estava a ver uma telenovela na televisão e ao pé de mim brincava a minha neta Catarina de três anos que não estava a ligar nada ao meu programa. A certa altura, virá-se para mim, e pergunta-me: Nhonha, (Avó) o que é estar apaixonada? (Claro que estava com o ouvido na televisão). Ao que eu lhe respondi: Estar apaixonada, é gostar muito, muito, de uma pessoa. Então ela responde-me com os olhos azuis mais doces que já vi fixos em mim: Ó Nhonha, então eu estou apaixonada por si! Eu abracei-a e o tempo parou durante uns segundos e lembrei-me da minha avó com grande intensidade e pensei: Que pena nunca lhe ter dito a mesma coisa!

A vida é feita destas pequenas-grandes coisas e se estivermos atentos apercebemo-nos de que elas nos podem enriquecer muito e sobretudo fazer com que nunca nos sintamos sós. Haverá melhor que isto?



Palácio Stephens, actual Museu do Vidro, na Marinha Grande

para a Empresa Vidreira Lisbonense em Braço de Prata, que pertencia aos irmãos Ruy e Waldemar. Entretanto em 1899 a Empresa Vidreira Lisbonense entra para uma sociedade de Henry Burnay que, conforme a

legenda de Rafael Bordalo Pinheiro numa litrografia sobre a sua personalidade, diz ...: “põe, dispõe, impõe, repõe, fia, fura e faz”. Também está escrito que os Burnay tudo fizeram, e sistematicamente, para monopolizar a indústria vidreira. O Avó passa a ser o director técnico da Fábrica Nova (hoje IVIMA). Levou consigo o fonalista

### O AVÔ, A AVÓ, O PAI E O SR. TIMÓTEO (cont.)

Pierre Durand, técnico de reconhecido valor que, tempos antes, tinha mandado vir de França. Com os melhoramentos que o Avô levou a efeito, a Fábrica conheceu tempos de prosperidade, mas que duraram pouco. Segundo li, os irmãos Burnay confundiram a eficiência técnica com a eficiência económica. Em 1904 o Avô pede a demissão da Fábrica Nova, por desentendimentos com a Administração, trazendo para Braço de Prata o material que dali tinha levado três anos antes.

Entretanto o Palácio Stephens (hoje em dia o lindo Museu do Vidro), na Marinha Grande, era a sua residência como Director da Fábrica. Ali nasceram dois dos seus filhos - Francisco e Alda. Simpaticamente a conservadora do Museu do Vidro na Marinha Grande, Sr<sup>ª</sup> Dra. Catarina Carvalho, facultou-me os desenhos dos dois serviços de mesa Orey.

#### SERVIÇOS DE MEZA



Veio viver para a Quinta do Barracão, Sto. Amaro de Oeiras, onde nasceram os seus três últimos filhos, Pedro, Anna e José Diogo (meu Pai). Foi trabalhar para a Orey Antunes, mas disse sempre que gostava mais da industria do que do comércio. Viveu algum tempo na Trav. do Jardim à Estrela, comprando depois a casa da Rua Vicente Borga onde viveu até morrer. Ali viveram muitos dos seus descendentes, sendo a casa de referência deste ramo.

Quanto ao Pai, foi director do Jardim e Museu Agrícola Colonial (depois do Ultramar e hoje em dia o lindo Jardim Tropical, em Belém) durante 40 anos. Fazia missões de estudo, durante meses, em Angola, Moçambique, Guiné, etc. etc. Quando chegava, nós, muito miúdos, adorávamos a histórias da selva, dos leões, dos macacos, das



panteras e outros. Na fotografia aqui em cima, não me parece que um dos jovens africanos estivesse muito seguro com o jeito do Pai para o arco e fecha...!?! Quando o Pai se entusiasmava a contar as histórias da selva, lá ouvíamos a Mãe dizer: - Oh Zé "tanta água"! Mais tarde dizíamos nós oh Pai "tanta água"! O Pai achava imensa graça e exagerava de propósito para nos ouvir a reclamar! Queríamos histórias sem "tanta água"! Mas mesmo com "tanta água" gostávamos imenso.

Quanto ao Sr. Timóteo, era uma personagem inventada pelo mano (irmão Zé Maria) numas histórias extraordinárias que ele contava a mim e ao Vasco. Eu tinha 8/9 anos e o Zé Maria uns 18/19 anos. As histórias começavam sempre com o Sr. Timóteo numa vida normal em sítios longínquos e completa novidade para o nosso conhecimento. O Sr. Timóteo começava a empobrecer, a ter dificuldades na vida, a ter sérios problemas, a enfrentar situações absolutamente impossíveis até ao limite dos limites. Por fim acontecia uma coisa extraordinária, como por exemplo achar um diamante preciosíssimo e enorme, no fim do mundo, que tornava o Sr. Timóteo riquíssimo e sem problemas nenhuns. Esta era a altura apotéica da história, sendo facto festejado com montões de bifés e batatas fritas (uma vez foi a Praça do Comércio cheia) que era o nosso prato super preferido! Muitos anos depois vi o filme "Indiana Jones" era exactamente nesse mundo que mano nos metia em imaginação! Que divertido que era ouvir as histórias do Sr. Timóteo!



## **SOBRE A MINHA AVÓ LIJA E A TIA BLU**

por **Martinho Luís d'Orey Gaivão Villani (verde)**

Muita da minha infância e juventude foi passado com estas duas senhoras, que conheci já numa idade muito respeitável e às quais muito devo. A nossa diferença de idades era respectivamente de 81 e 83 anos!

Eram senhoras muito cultas. A minha avó e as irmãs falavam alemão, inglês, francês e português. No entanto, eram oficialmente analfabetas, salvo a tia Blu, que por ter tirado o curso de enfermagem teve que fazer o exame da 4ª classe; tinha orgulho em ter feito com “louvor” e contava que na prova de desenho, desenhou um púcaro e fez a sombra, o que causou estranheza à examinadora. A tia Blu teve aulas de desenho com o Roque Gameiro. Quando estava na Escola alemã tive explicações com a minha avó e lembro-me que ela dizia que só era capaz de escrever alemão com letra gótica manuscrita e não com caracteres latinos. Tinham uma vivacidade extraordinária, tinham o seu feitio e o seu génio. Eram muito senhoras do seu nariz, donas das suas casas e viveram com muita independência até ao fim da vida (com mais de 90 anos). Lembro-me que a minha avó com 80 e muitos anos passava cheques e que o merceiro em Ferragudo, dizia que não via a minha avó há décadas, mas recebia os seus cheques e verificava a sua assinatura. Era ela que governava a casa, pagava as contas, etc. Tinham o seu génio e o seu feito. A minha avó era germanófila confessa (tal como muitos d'Oreys e até tinha laivos de simpatia pelo Adolfo) e discutia com a irmã (Blu) sobre a guerra e em especial sobre a Holocausto (a tia Blu era casada com um senhor com uma costela judaica, que ela encarnava e defendia com unhas e dentes). Era engraçado ver duas senhoras com aquela idade a discutirem tais assuntos.

A Tia Blu era das várias irmãs a menos bonita em nova, mas era a mais elegante e bonita no fim da vida. Tal devia-se a práticas estóicas diárias como beber xarope de maçãs reinetas, comer ameixas e a uma exigente toilette, à qual acolitavam e à qual se rendiam as várias empregadas e por vezes os seus sobrinhos. A minha avó era muito menos exigentes nestas matérias, bastava-lhe um enorme bule de chá, uma lata de bolachas de água e sal, manteiga e queijo.

## **ALMOÇO NA HERDADE DAS PARCHANAS**

por **Lourenço Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)**

A ideia inicial, para esta reunião, foi de juntarmos, este ano, todos os descendentes do avó Ruy. As primas do tio Waldemar (Jara d'Orey) assustaram-se. São muitos! Será que o espaço disponível para o acolhimento, é suficiente? Com uma pequena sondagem apercebemo-nos que do tio Nuno seriam mais 70 e do tio Rui (Ruizinho) seriam, pelo menos mais uns 20. A prudência fez-nos, este ano, limitar o encontro aos descendentes Waldemar (Jara d'Orey) e aos do seu irmão Vasco.

Poderemos com a experiência deste ano, onde estiveram presentes 184 adultos e 72 crianças, tranquilamente organizar o próximo encontro. Para tal penso que seria bom com uma comissão que sondasse o que mais gostariam de fazer no próximo ano. As crianças tiveram à disposição as seguintes actividades acompanhadas de 1 monitor por cada 9 crianças: hipismo, tiro ao arco, rappell, escalada. Poderiam igualmente ter feito ciclismo e canoagem e BTT mas o tempo disponível não permitiu que todos fizessem todas as actividades. Como é óbvio, os pais almoçaram tranquilamente! Na recepção havia uma bilha para ajudar a Liga dos Deficientes Motores e outra para o Banco de Informação de Pais para Pais. Cada uma delas recebeu 800 €.

Evidentemente que somos d'Orey, somos bestiais, mas tudo isto não se inventa dum dia para o outro. A Herdade das Parchanas faz campos de férias durante todo o Verão. Vejam o que os miúdos dizem no site [www.parchasonline.com](http://www.parchasonline.com)

A tia Blu era uma espécie de enciclopédia ambulante com uma enorme memória, em especial para poemas, que sabia de cor em várias línguas. Tinha enorme orgulho em afirmar que, ao contrário das senhoras da época tinha uma cultura abrangente. Não se limitava a falar francês e tocar piano, mas orgulhava-se das suas bases de física, aritmética etc. De facto, estas senhoras tiveram uma educação fantástica para a sua época, e em especial para senhoras da sua época. A tia Blu foi enfermeira numa época quando ser enfermeira era uma profissão com pouca dignidade. Foi fundadora ou presidente do Sindicato das Enfermeiras católicas e escreveu um livro sobre a enfermagem.

Eram pessoas de fé. A religião tinha uma enorme importância na sua vida. Lembro-me de a Tia Blu recomendar que os Padres e os Ministros da Comunhão deviam ser acompanhados até à porta da rua e com o maior respeito, coisa que nós cumpríamos e que os próprios estranhavam. Conto um episódio ilustrativo. A minha avó estava doente e pediu para vir um Padre dar-lhe a extrema-unção. O Padre era um Padre indiano, que ajudava na paróquia de Santos-o-Velho e que contou que ao sair da Igreja o Padre João Seabra lhe tinha dito que ia a uma casa de gente de fé. O Padre chegou, confessou a minha avó, e a extrema unção foi acompanhada pelos 3 filhos, sendo que todos rezaram as orações, etc. O Padre comoveu-se e começou a chorar, eventualmente por estar habituado a *extremas unções* mais “in extremis” e menos participadas.

Esta fé deu-lhes coragem e a capacidade superar algumas adversidades das suas vidas e não foram poucas. Sem dúvida, que um aspecto muito importante da vida da minha avó eram as cartas. Com 90 anos saía de andariço para ir a casa de X e Y jogar bridge e canasta, no entanto ouvia a missa pela televisão. Levava esta ocupação bastante a sério e era uma das suas “*joie de vivre*” e uma grande distração.

No seu enterro estive o Dr. Katz, judeu refugiado e médico oftalmologista e filatelista, que com ela jogava Bridge e a tratava por Madre, por analogia ao meu Pai que a tratava por Mãe. Um dos últimos parceiros de jogo a minha avó era um senhor, que fazia batota de uma forma descarada e um primo meu ao ver o Dr Katz disse: “Então o senhor é que é o celebre ..(ia a concluir batoteiro)”. O Dr Katz respondeu :”não sabia que era célebre”. A minha avó deve ter rido.

## **PINTURAS DA NINA SALGADO**

de **Maria Elvira Lopes de Albuquerque d'Orey (amarelo/verde)**

Imparável. A sua pintura está cada vez mais para a frente! Em Abril expôs os seus trabalhos conjuntamente com outra artista, colombiana. Chamara, à mostra “Duas cidades” Lisboa e Bogotá, na Embaixada da Colombia. Em Maio na Galeria Maria Lucília Cruz em Lisboa lá tivemos de novo a Nina mostrando os seus lindos trabalhos.



## **BIPP Banco de Informação de Pais para pais por Joana d'Orey Santiago (amarelo)**

Porque nasce o Bipp? Porque nunca se está preparado para ter um filho com necessidades especiais!

Contactos: Rua Almeida Brandão, 19 1200-602 Lisboa

mail: [e.mailbipp@clix.pt](mailto:e.mailbipp@clix.pt)

Telefones: 962 390 448 - 919 944 250 - 918 653 489